

# CONHECIMENTO

W. Gary Crampton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

Gordon Clark era um Escrituralista. Isto é, em seu sistema filosófico e teológico, a Escritura é fundacional. Esse conceito tem sido chamado por outros nomes, muitos deles usados pelo próprio Dr. Clark: pressuposcionalismo, dogmatismo, racionalismo cristão ou intelectualismo cristão. Mas o nome que melhor se adapta ao seu sistema é Escrituralismo.<sup>1</sup>

Como um Escrituralista, o Dr. Clark manteve que os cristãos nunca deveriam tentar combinar noções seculares e cristãs. Antes, todos pensamentos devem ser trazidos cativos à Palavra de Deus (2 Coríntios 10:5), que é (uma parte da) a mente de Cristo (1 Coríntios 2:16). O Escrituralismo ensina que todo o nosso conhecimento deve ser derivado da Bíblia, que tem um monopólio sistemático sobre a verdade.

Essa abordagem para uma cosmovisão cristã pode soar estranha para os filhos da nossa era ignorante. Mas o Dr. Clark manteve nada mais que aquilo que o apóstolo Paulo ensinou e a Assembléia de Westminster confirmou. Nas palavras do apóstolo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16,17). E na *Confissão de Fé de Westminster* (1:6) lemos: “Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum”.

Observe os termos universais nessas duas declarações: “toda”, “perfeito”, “perfeitamente”, “toda”, “nada”, “em tempo algum”. Tanto a Bíblia, infalivelmente, como a *Confissão de Westminster*, em submissão à Bíblia, ensinam a suficiência da Escritura. De acordo com o princípio da Reforma do *sola Scriptura*, nem a ciência, nem a história e nem a filosofia são necessárias para dar conhecimento. Não há nenhuma teoria de conhecimento de “segunda-fonte” ensinada na Palavra de Deus. Como Paulo claramente declara nos dois primeiros capítulos de 1 Coríntios, a sabedoria deste mundo é loucura, e o homem não é capaz de chegar ao conhecimento da verdade aparte das proposições da Escritura, reveladas pelo Espírito. A Bíblia é suficiente para toda a verdade que precisamos e todo o conhecimento que podemos ter. Aqui somente encontramos, escreve Salomão, “a certeza das palavras da verdade” (Provérbios 22:17-21). Isso é Escrituralismo.

---

<sup>1</sup> John W. Robbins, “An Introduction to Gordon H. Clark”, *The Trinity Review*, Julho e Agosto 1993.

## Epistemologia

De acordo com Gordon Clark, a epistemologia (a teoria do conhecimento) é o componente chave de qualquer sistema teológico ou filosófico. Ele escreveu:

Embora a questão de como podemos conhecer a Deus seja a pergunta fundamental na filosofia da religião, por detrás dela descansa, na filosofia geral, a questão última: Como podemos conhecer alguma coisa? Se não podemos falar inteligivelmente sobre Deus, podemos falar inteligivelmente sobre moralidade, sobre nossas próprias idéias, sobre arte, política – poderíamos sequer falar sobre ciência? Como podemos saber alguma coisa? A resposta para essa pergunta, tecnicamente chamada de teoria da epistemologia, controla todas as questões subjetivas que reivindicam ser inteligíveis ou cognitivas.<sup>2</sup>

Com Agostinho, Calvino e a Assembléia de Westminster antes dele, o Dr. Clark começou sua abordagem sistemática no estudo de Deus e da sua criação com a epistemologia.

### Três Métodos de Epistemologia

Na história da filosofia, tem havido três teorias não-cristãs principais de conhecimento: racionalismo (puro), empirismo e irracionalismo.

O Dr. Clark definiu *racionalismo* como “razão sem fé”.<sup>3</sup> Isto é, a razão, aparte da revelação ou experiência sensorial, fornece a fonte primária, ou única, da verdade. Os sentidos não são confiáveis, e nosso conhecimento *apriori* (o conhecimento que temos antes de qualquer observação ou experiência) deve ser aplicado à nossa experiência para nossa experiência se tornar inteligível.

No Escrituralismo, o conhecimento vem *através* da lógica, à medida que a pessoa estuda as proposições reveladas da Escritura, as entende e traça implicações a partir delas. No racionalismo puro, contudo, o conhecimento vem *a partir da razão* somente. O pensamento humano sozinho se torna o padrão pelo qual todas as crenças são julgadas. Até mesmo a revelação deve ser julgada pela razão. Uma falsa suposição dos racionalistas é que o homem, aparte da revelação, é capaz de chegar ao verdadeiro conhecimento de pelo menos algumas coisas, incluindo Deus.

Há vários erros no sistema racionalista. Primeiro, como os racionalistas admitem, os homens podem e na verdade erram em seu raciocínio. Erros formais na lógica são apenas um exemplo. Segundo, há a questão do ponto de partida. Onde alguém começa no racionalismo puro? Platão (428-348 a.C.), René Descartes (1596-1650), Gottfried Leibniz (1646-1716), e Baruch Spinoza (1632-1677), todos racionalistas clássicos, tinha diferentes pontos de partida.

<sup>2</sup> “How Does Man Know God?” *The Trinity Review*, Julho/Agosto 1989, I.

<sup>3</sup> *Religion, Reason and Revelation*, 43, 50.

Platão aparentemente começava com as Idéias eternas, Descartes com a dúvida (seu *cogito ergo sum* <sup>4</sup>), Leibniz com seu sistema de mônadas, e Spinoza, como um panteísta, com seu *Deus sive Natura* <sup>5</sup>. Os racionalistas parecem discordar sobre o axioma apropriado do racionalismo.

Terceiro, como o raciocínio aparte da revelação pode determinar se o mundo é controlado por um Deus onipotente e bom, que nos revelou que dois mais dois é igual a quatro, ou por um demônio onipotente que tem durante todo o tempo nos enganado para cremos que dois mais dois é igual a quatro, quando na realidade é igual a cinco? Pior ainda, como Friedrich Nietzsche (1844-1900) argumentou, talvez nossas categorias lógicas e faculdades de pensamento sejam nada mais do que necessidades fisiológicas, determinadas por forças evolucionárias. O propósito delas não é a descoberta da verdade, mas a sobrevivência do organismo.

Quarto, o racionalismo parece cometer a falácia de afirmar o conseqüente. Alguns argumentos racionalistas procedem da seguinte forma: se começarmos com a pressuposição P, podemos justificar a reivindicação de que temos conhecimento. Agora, é certo que temos conhecimento; portanto, a pressuposição P é verdadeira. Esta forma de argumento é a falácia elementar de afirmar o conseqüente. Um exemplo mundano seria: Se sua bateria estiver descarregada, seu carro não pegará. Seu carro, de fato, não pega; portanto, é verdade que sua bateria está descarregada.

Finalmente, no racionalismo puro, é difícil evitar o solipsismo, que é a incorporação ou absorção do mundo no “ego” ou “eu”, de forma que o mundo se torna nada mais do que uma parte da própria consciência da pessoa. Sem uma mente (divina) universal na qual todas as pessoas e objetos participam, não é possível para o indivíduo pensante escapar da sua própria mente. Essa, ensinava o Dr. Clark, é a razão pela qual os racionalistas têm adotado alguma forma de argumento ontológico para a existência de Deus. <sup>6</sup>

No século dezanove, a tentativa do filósofo alemão Gottfried Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) para resolver este problema deu ao racionalismo uma Mente Absoluta, mas uma Mente da qual uma pessoa não poderia deduzir racionalmente indivíduos. Com Hegel temos o desaparecimento do eu para o Espírito Absoluto ou Mundial. Esse panteísmo também é um fracasso. <sup>7</sup>

O empirismo, em contraste com o racionalismo, mantém que todo conhecimento se origina nos sentidos. Ele reivindica ter um mundo objetivo que é externo ao observador. A experiência ordinária transmite conhecimento, de acordo com o empirista. Certamente, o método científico de investigação é o epítome da epistemologia empírica, e os triunfos da ciência na era moderna demonstram a verdade do empirismo, ou assim os empiristas reivindicam. A ciência é baseada na observação: a idéia sendo que se algum fenômeno pode ser

<sup>4</sup> Nota do tradutor: “Penso, logo existo”.

<sup>5</sup> Nota do tradutor: “Deus ou Natureza”. Spinoza cria que Deus e a Natureza eram idênticos.

<sup>6</sup> *Religion, Reason and Revelation*, 52.

<sup>7</sup> Veja *Thales to Dewey*, capítulos 2 e 7; *Three Types of Religious Philosophy*, capítulo 2; *Religion, Reason and Revelation*, 50-54, 65-67.

observado, então ele deve ser conhecido. Certamente, a ciência enfatiza a observação repetitiva. Com repetição, o conhecimento e a certeza são aumentados.

Aqui, como no racionalismo, dizia o Dr. Clark, temos a “razão sem fé”. Mas no empirismo, “razão” toma um significado diferente. No racionalismo “razão” significa lógica, ou pelo menos idéias *a priori*, e uma tentativa é feita para basear o conhecimento sobre essas teses obtidas sem a assistência da revelação ou sensação. No empirismo, por outro lado, “razão” significa sensação, pois a mente é uma *tabula rasa* (“tábua branca”) no nascimento; ela não tem nenhuma estrutura, forma ou idéias; assim, todo conhecimento deve vir através dos sentidos.<sup>8</sup>

Embora os racionalistas procedam por dedução, o raciocínio usado no empirismo é indutivo também. Uma pessoa coleta experiências e observações e traça inferências e conclusões. Esse conhecimento empírico é *aposteriori*, isto é, vem após e através da experiência. Uma pessoa deve ser capaz de cheirar, provar, sentir, ouvir ou ver algo para conhecê-la. Uma vez que algo é experimentado, então a mente, que é uma *tabula rasa* antes da experiência, pode de alguma forma lembrar, imaginar, combinar, transpor, categorizar e formular as experiências sensoriais em conhecimento.

Há vários problemas com o empirismo, muitos demais para listar neste livro. Por exemplo, todos os argumentos indutivos são falácias lógicas formais. Cada argumento começa com premissas particulares e termina com uma conclusão universal. Não é possível coletar experiências suficientes sobre qualquer assunto para alcançar uma conclusão universal. Simplesmente porque esse sistema depende da coleção de observações para suas conclusões, ele nunca pode estar certo de que alguma nova observação não mudará completamente suas conclusões anteriores. Assim, ele nunca pode ser conclusivo. Suas conclusões sempre devem ser tentativas e sujeitas a revisão. Se alguém duvida disso, que ele tenha em mente que os cientistas estão continuamente revisando e mudando suas conclusões anteriores.<sup>9</sup>

Afirmando que a ciência não deve ser considerada um corpo de verdade, o Dr. Clark cita Einstein: “Nós [cientistas] definitivamente não sabemos nada sobre ela [“natureza”]. Nosso conhecimento é apenas o conhecimento da criança da escola... Saberemos um pouco mais do que sabemos agora. Mas a natureza real das coisas – essa nunca saberemos, nunca”.<sup>10</sup>

Uma abordagem indutiva para com o conhecimento exige que operemos sem ter quaisquer suposições antecipadamente com respeito aos resultados de nossas investigações. Isso não é possível. Nenhum cientista realiza um experimento exceto para testar uma teoria – a teoria é uma das suas suposições.<sup>11</sup> Mesmo que fosse verdade, disse o Dr. Clark, que a ressurreição de Jesus Cristo, pelos

<sup>8</sup> *Religion, Reason and Revelation*, 54ss.; *Lectures on Apologetics*, The Trinity Foundation, 1981, fitas 5-7.

<sup>9</sup> *The Trinity*, 92-93.

<sup>10</sup> *First Corinthians*, 128.

<sup>11</sup> *The Philosophy of Science and Belief in God*, 96ss.

padrões dos próprios historiadores seculares, “fosse o evento mais bem autenticado na história antiga”, os historiadores seculares, na sua grande maioria, continuaria “a rejeitar a ressurreição... pela pressuposição teológica de que Deus não pode ressuscitar os mortos”.<sup>12</sup>

Além do mais, escreveu o Dr. Clark, mesmo “que a pesquisa histórica pudesse provar que Jesus realmente ressuscitou (e na opinião do autor [de Clark], a pesquisa histórica nunca prova nenhum evento...), isso ainda não provaria a deidade de Cristo (pois Lázaro também ressuscitou dos mortos)... A pesquisa nunca produz a fé cristã; ela [fé] é o dom de Deus”.<sup>13</sup>

Outro problema com o empirismo é que os sentidos podem frequentemente, talvez constantemente, nos enganar. Alguém que jamais foi a um cinema pode atestar isso, pois no cinema algo parece se mover através da tela, mas nada se move.

Em tal sistema, a verificação, isto é, a inferência da conclusão por consequência boa e necessária, não é possível. De fato, o próprio axioma básico do empirismo, a saber, que tudo precisa ser verificado ou falsificado pela observação sensorial, não pode ser verificado pela observação sensorial. Assim, o empirismo descansa sobre um ponto de partida auto-contraditório, e, portanto, falso.

Além do mais, as verdades da matemática podem ser derivadas a partir da experiência? As leis da lógica podem ser abstraídas ou obtidas a partir das impressões sensoriais? Há dificuldades insuperáveis para uma epistemologia empirista.<sup>14</sup> O empirismo não pode nos dizer como os sentidos sozinhos nos dão concepções. Se o “conhecedor” não é alguém já equipado com elementos conceituais ou idéias, como ele pode alguma vez conceitualizar o objeto sentido? O racionalismo, com suas idéias universais, nos dá uma explicação para as categorias e similaridades, mas o empirismo não. E sem essas, o discurso racional seria impossível.

O solipsismo é inescapável numa epistemologia empirista. As sensações de uma pessoa são apenas isso: as sensações de uma pessoa. Ninguém mais pode experimentá-las. Mas se esse é o caso, como alguém pode saber que há um mundo externo? Qualquer evidência que possa ser oferecida é apenas outra sensação objetiva. No empirismo, eu poderia ser uma das suas dores de cabeça.

Na ética, mesmo que assumamos que o empirismo, na melhor das hipóteses, possa nos dizer o que é, ele nunca pode nos dizer o que deve ser. Os cientistas, por exemplo, podem inventar lasers, mas a ciência não pode nos dizer como ou se eles devem ser usados. A ciência tem também nos dado a bomba atômica, mas ela não é capaz de nos dizer o uso apropriado dela. Como o Dr. Clark escreveu: “Numa filosofia empírica e descritiva, uma pessoa pode encontrar o verbo *é*; mas o verbo *deve* não tem nenhuma posição lógica”.<sup>15</sup> Como argumentos a partir de observações empíricas poderiam nos dar princípios

---

<sup>12</sup> *First Corinthians*, 254-255.

<sup>13</sup> *First Corinthians*, 255

<sup>14</sup> *A Christian View of Man and Things*, 108.

<sup>15</sup> *Essays on Ethics and Politics*, 10.



morais? Como alguém poderia mostrar, empiricamente, que o incesto é pecado, como Levítico 18 diz? “Um princípio moral”, declarou o Dr. Clark, “pode ser somente uma proibição ou mandamento revelado”.<sup>16</sup>

Finalmente, como os sentidos nos dão idéias tais como “paralelo”, “igual” ou “justificação”? Essas palavras nunca são encontradas na experiência sensorial. Nem duas coisas que experimentamos são perfeitamente iguais. Assim, ensinou o Dr. Clark, como David Hume (1711-1776) afirmou há dois séculos atrás, se alguém toma sua posição epistemológica sobre a sensação, ele nunca pode saber nada.<sup>17</sup>

Em 1 Coríntios 2:9-10, Paulo escreveu: “Mas, como está escrito: O que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais penetrou na mente do homem, as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam, para nós Deus as revelou através do Espírito” (tradução do Dr. Clark). Aqui, condensando duas passagens de Isaías, o Dr. Clark disse: “Paulo reforça a distinção entre uma religião empírica e uma religião de revelação... Deus revela o que o homem não pode conhecer de outra forma”. Em outras palavras, o estudo empírico nunca pode nos dar a verdade.<sup>18</sup> A revelação proposicional é o *sine qua non* do conhecimento. Mesmo antes da Queda, o homem era dependente da revelação proposicional para o conhecimento. Ele não poderia, por observação, ter determinado onde ele estava, quem ele era, ou o que ele deveria fazer. O dever de Adão, disse o Dr. Clark, “foi imposto sobre ele por uma revelação divina especial”.<sup>19</sup> Deus teve que relevar informação para ele então, e a presente situação, agravada pelo pecado, tornou a necessidade de revelação ainda maior.<sup>20</sup>

O irracionalismo, promovido por homens tais como Søren Kierkegaard (1813-1855), Friedrich Schleiermacher (1768-1834), e por teólogos neo-ortodoxos, é uma forma de ceticismo. Ele é anti-racional e anti-intelectual. A verdade real, dizem os céticos, nunca pode ser alcançada; as tentativas racionais de explicar o mundo nos deixam em desespero. A realidade não pode ser comunicada proposicionalmente, mas ela deve ser captada “pessoalmente e apaixonadamente” (Kierkegaard); a verdade deve ser buscada nas experiências interiores, isto é, subjetivamente.

Embora uma pessoa nunca possa saber se há um deus que dá propósito e significado à vida, dizem os irracionalistas, ela deve, todavia, dar um “salto de fé” (Kierkegaard); ele deve viver a vida como se houvesse um deus, um ser supremo, um universo com significado, etc., pois não fazê-lo seria pior (Immanuel Kant). Descrevemos anteriormente a razão sem fé; aqui encontramos a “fé sem razão”.<sup>21</sup>

<sup>16</sup> *First Corinthians*, 78.

<sup>17</sup> *Three Types of Religious Philosophy*, 59ss; *Thales to Dewey*, 278-284; *Lectures on Apologetics*, fitas 8, 9; Para uma refutação completa do behaviorismo, uma forma moderna de empirismo, mecanismo, naturalismo, etc., veja *Behaviorism and Christianity*.

<sup>18</sup> *First Corinthians*, 37.

<sup>19</sup> *God's Hammer*, 66-67.

<sup>20</sup> *Ambitious to Be Well Pleasing*, editado por A. C. Guelzo, 127-133.

<sup>21</sup> *Religion, Reason and Revelation*, 69-87.

O irracionalismo se manifestou em círculos teológicos na neo-ortodoxia de Karl Barth (1886-1968), Emil Brunner (1899-1966), e muitos outros menos influentes. Para Barth e Brunner, a verdade é subjetiva. A lógica é desdenhada; a “fé” deve “restringir a lógica”. Além do mais, a lógica de Deus é dita ser diferente da “mera lógica humana”. A neo-ortodoxia reverencia o paradoxo e demanda uma crucificação do intelecto. Nessa “teologia de paradoxo”, Deus pode até mesmo nos ensinar através de declarações falsas. A contradição é até mesmo afirmada por Brunner como uma marca da verdade.<sup>22</sup>

O problema aqui é que quando uma pessoa divorcia a lógica da epistemologia, ela é deixada sem nada. O ceticismo é auto-contraditório, pois ele afirma que nada pode ser conhecido. Certamente, se nada pode ser conhecido, não podemos saber que não sabemos nada. O teísmo cristão, por outro lado, mantém que Deus é a própria verdade (Salmo 31:5; João 14:6; 1 João 5:6), e que a verdade é lógica. A lei da contradição é um teste negativo para a verdade; isto é, se algo é contraditório, então não pode ser verdadeiro. A lei da contradição – algo não é não-algo – não deve ser considerada como meramente uma lei formal ou uma estipulação arbitrária para ser usada para construir sistemas de pensamento. A lei da contradição é uma lei do pensamento humano porque ela é primeiramente uma lei da realidade, isto é, é “Deus pensando”.<sup>23</sup>

De fato, a Bíblia diz que Jesus Cristo é a lógica (*Logos*) de Deus (João 1:1);<sup>24</sup> ele é a Razão, Sabedoria e Verdade encarnada (1 Coríntios 1:24,30. Colossenses 2:3; João 14:6). As leis da lógica não foram criadas por Deus ou pelo homem; elas são a forma como Deus pensa. E visto que as Escrituras são uma parte da mente de Deus (1 Coríntios 2:16), elas são os pensamentos lógicos de Deus. A Bíblia expressa a mente de Deus numa forma logicamente coerente para a humanidade.

O homem, como imagem de Deus, possui a lógica inerentemente como parte dessa imagem. O homem é “sopro de Deus” (Gênesis 2:7; Jó 33:4), pois o Espírito de Deus soprou no homem seu espírito ou mente, que é a imagem. O corpo do homem não é a imagem; o corpo é o instrumento da alma ou espírito. A pessoa, disse o Dr. Clark, é o espírito, a mente, “o ego pensante”. Raciocinar logicamente, então, é raciocinar de acordo com a Escritura, que é uma parte dos pensamentos lógicos de Deus. E visto que todos os atos e palavras pecaminosos começam com pensamentos pecaminosos, a santificação do homem envolve aprender a pensar como Deus pensa – logicamente.<sup>25</sup> O homem redimido mais e mais pensa os pensamentos de Deus (2 Coríntios 10:5). Para citar o Dr. Clark: “A lógica é fixa, universal, necessária e insubstituível. A irracionalidade

<sup>22</sup> *God's Hammer*, 113-119.

<sup>23</sup> *The Johannine Logos*, 25, 59ss.; *Three Types of Religious Philosophy*, 93ss.; *Thales to Dewey*, capítulo II; *Lectures on Apologetics*, fitas 9,10.

<sup>24</sup> Num dia e época quando o irracionalismo é tão prevaiente, até mesmo dentro dos círculos cristãos, algumas pessoas ficaram enfurecidas quando o Dr. Clark afirmou a partir de João 1:1 que Deus é lógica. Alguns têm acusado o Dr. Clark nesse ponto de ser um racionalista puro, como se ele estivesse reduzindo a Segunda Pessoa da Deidade à sua própria noção de lógica empobrecida e truncada. O Dr. Clark estava dizendo que com Deus e com sua Palavra há coerência, consistência e unidade. A lógica é a “arquitetura da mente de Deus”. A lógica é a forma como Deus pensa e fala.

<sup>25</sup> “God and Logic”, *The Trinity Review*, Novembro/Dezembro de 1980, I-4.

contradiz o ensino bíblico do princípio ao fim. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó não é insano. Deus é um ser racional, a arquitetura de cuja mente é a lógica”.<sup>26</sup>

## Epistemologia Cristã

Como observado acima, Gordon Clark não começou sua abordagem sistemática da teologia e filosofia com uma discussão de se ou como sabemos que existe um deus, e então procurou provar que esse é o Deus da Escritura. Seu ponto de partida era a revelação proposicional. Se haveremos de evitar as falácias do racionalismo puro, as ciladas do empirismo, e o ceticismo do irracionalismo, precisamos de outra fonte de verdade: a revelação proposicional do Deus criador, que é a própria verdade. O Dr. Clark escreveu: “No Cristianismo há uma fonte de conhecimento não admitida pelos filósofos gregos, a saber, a revelação. Deus não somente cria o mundo, mas ele também fala e comunica informação aos homens”.<sup>27</sup>

Todo sistema filosófico deve ter seu ponto de partida, que é axiomático, isto é, não pode ser provado. Ele é indemonstrável (se fosse provável ou demonstrável, então não seria um ponto de partida): “Axiomas, porque são axiomas, não podem ser deduzidos a partir ou provados por teoremas anteriores”.<sup>28</sup>

De acordo com o Dr. Clark, o sistema filosófico cristão começa com a Palavra de Deus. Esse é o axioma: A Bíblia somente é a Palavra de Deus. A Bíblia tem um monopólio sistemático sobre a verdade. O próprio Dr. Clark se referia ao seu sistema como dogmático, pressuposicionalismo bíblico e racionalismo cristão.<sup>29</sup> Com muita frequência encontra-se oposição a tal ponto de partida. Isto, dizem os críticos, é um argumento circular; isto é, ele assume o que deve ser provado. Como alguém pode dizer que ele crê que a Bíblia é inspirada, e, portanto verdadeira, devido ao fato de que ela faz a reivindicação de ser inspirada e verdadeira, e então dizer que ele crê na reivindicação porque a Bíblia é inspirada e verdadeira? A pessoa não tem que provar primeiro que a Bíblia é a Palavra de Deus?

Certamente, nem toda reivindicação que existe neste mundo é verdadeira. Há diversos testemunhos falsos. Mas pode dificilmente ser negado que a Bíblia reivindica ser a Palavra de Deus inspirada (veja João 10:35; 2 Timóteo 3:16; 2 Pedro 1:20-21). E isso é significativo. Ela é certamente uma reivindicação que mui poucos escritos atribuem a si mesmos. Da mesma forma, estaria longe de ser justificável dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus se ela negasse sua inspiração, ou se ela estivesse silente sobre o assunto. Mas porque seria impróprio fazer a afirmação da inspiração da Bíblia se a Bíblia fosse silente sobre a questão ou a negasse, é apropriado fazer tal afirmação, visto que a Bíblia

<sup>26</sup> “God and Logic”, 4.

<sup>27</sup> *Thales to Dewey*, 188.

<sup>28</sup> *An Introduction to Christian Philosophy*, 60.

<sup>29</sup> *An Introduction to Christian Philosophy*, 57-92; *Three Types of Religious Philosophy*, 115ss.; *Lectures on Apologetics*, fitas 15,16.



faz essa reivindicação de maneira explícita e abrangente. Portanto, disse o Dr. Clark, “o cristão está corretamente dentro dos limites da lógica para insistir que a primeira razão para crer na inspiração da Bíblia é que ela faz esta reivindicação”.<sup>30</sup>

Segundo, a réplica *ad hominem* à crítica é que todo sistema deve começar com um axioma indemonstrável. Sem tal postulado nenhum sistema jamais iniciaria. “Argumento circular”, nesse sentido livre ou amplo, não é uma característica única do Cristianismo. Ele é a situação na qual todas as filosofias e teologias se encontram.

Se alguém pudesse provar as proposições de que a Bíblia é a Palavra de Deus, então a proposição não seria o ponto de partida. Haveria algo antes do ponto de partida, o que é um absurdo. De acordo com a Escritura, não há simplesmente nenhuma fonte de verdade “superior” ou anterior à própria auto-revelação de Deus. Como declarado pelo autor de Hebreus, “pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo” (6:13). As Escrituras, portanto, não podem ser deduzidas a partir de nenhum princípio fundamental superior ou mais fundamental. Elas são, na linguagem dos teólogos, “auto-autenticadora”. Uma pessoa deve aceitar a revelação especial de Deus como axiomática, ou não há nenhum conhecimento possível de forma alguma. “Um ponto imediato, tocando tanto a epistemologia como a teologia... é a impossibilidade de conhecer a Deus de outra forma senão por revelação”.<sup>31</sup>

A *Confissão de Fé de Westminster* (1:4), diz dessa forma: “A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus”.

Além do mais, na epistemologia cristã, não há uma dicotomia entre fé (revelação) e razão (lógica). Essas duas andam de mãos dadas, pois é o *Logos* quem revela a verdade. O Cristianismo é racional, pois Cristo é a própria Lógica, Razão e Sabedoria do Deus encarnado (João 1:1; 1 Coríntios 1:24,30; Colossenses 2:3). Sendo a imagem de Deus, o homem pode raciocinar; isto é, ele pode pensar logicamente, pois Deus lhe deu essa capacidade inata. Essa capacidade dada por Deus permite que os homens entendam as proposições reveladas na Escritura. É necessário crer em algo, como o ponto de partida axiomático de alguém, para entender algo. Para raciocinar apropriadamente, uma pessoa deve ter um fundamento sobre o qual tudo é baseado. No racionalismo cristão, o conhecimento vem através da razão, isto é, da lógica, não do raciocínio (como no racionalismo puro). Diferente do racionalismo puro, o Escrituralismo permanece sobre o fundamento da revelação bíblica. O Dr. Clark, então, estava em pleno acordo com o dito de Agostinho: “Eu creio para entender”.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> *God's Hammer*, 3.

<sup>31</sup> *An Introduction to Christian Philosophy*, 60.

<sup>32</sup> *Religion, Reason and Revelation*, 87-110; *Three Types of Religious Philosophy*, capítulo 5.

## Revelação Geral e Especial

Gordon Clark cria que o Deus triúno tinha se revelado ao homem tanto na revelação geral como na revelação especial, que estão em harmonia. A primeira é geral em audiência (toda a humanidade) e limitada em conteúdo, enquanto a revelação especial, que é agora encontrada somente nas Escrituras, é mais restrita em audiência (aqueles que lêem a Bíblia), e muito mais detalhada em conteúdo. Devido à sua natureza limitada, a revelação geral deve sempre ser interpretada à luz da revelação especial. Isso era verdade até mesmo antes da Queda do homem (Gênesis 3), mas ainda muito mais depois, pois o universo, incluindo o homem, está agora num estado de anormalidade (Gênesis 3:14-19; Romanos 8:19-25). Assim, o conhecimento de Deus e de sua criação pode ser derivado somente da Escritura.<sup>33</sup>

O Dr. Clark, com Agostinho (354-430) e João Calvino (1509-1564) antes dele, ensinou que o Espírito de Deus implantou uma idéia inata de si mesmo, um *sensus deitatis*, em todos os homens, que é tanto proposicional como inerradicável. Isso se deve ao fato de que todos os homens foram criados à imagem de Deus. Como B. B. Warfield declarou, tanto para Calvino como para Agostinho, essa idéia *a priori* reside na base de todo conhecimento do homem de Deus e de sua criação. Isso é especialmente verdadeiro de Agostinho. Warfield disse que de acordo com Agostinho:

Numa palavra, a alma é adornada [ricamente equipada] para a percepção e entendimento do mundo sensível [criação] somente pela percepção e entendimento anterior do mundo inteligível [a mente, com suas idéias inatas]. Ou seja, a alma traz a partir do mundo inteligível as formas de pensamento sob as quais somente o mundo sensível pode ser recebido por ela num abraço mental.<sup>34</sup>

De acordo com Gordon Clark, a informação inata e proposicional da revelação geral que Deus deu a todos os homens é inerente em todos os homens, que nascem com ela. Ele escreveu: “Na ato da criação Deus implantou no homem um conhecimento de sua existência. Romanos 1:32 e 2:15 parecem indicar que Deus também implantou algum conhecimento de moralidade. Nascemos com esse conhecimento; ele não é produzido pela experiência sensorial”.<sup>35</sup>

Ao mesmo tempo, disse o Dr. Clark, porque há a consciência *a priori* de Deus em todos os homens, o Deus criador é percebido pelo homem em sua criação: “Com a ajuda desse conhecimento inato, podemos cantar com confiança”, escreveu Clark:<sup>36</sup>

Senhor meu Deus , quando eu maravilhado  
Os grandes feitos vejo da tua mão,  
Estrelas, mundos e trovões rolando,  
A proclamar teu nome na amplidão,

<sup>33</sup> *What Do Presbyterians Believe?* capítulo 1; *God's Hammer*, 86-119.

<sup>34</sup> B.B. Warfield, *Calvin and Augustine* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1956, 1980), editado por Samuel G. Craig, 394.

<sup>35</sup> *What Do Presbyterians Believe?* 11.

<sup>36</sup> *What Do Presbyterians Believe?* 11.

Canta minh' alma, então, a ti, Senhor:  
Grandioso és tu, grandioso és tu!

Certamente, essa idéia inata não é suficiente para a salvação; somente as idéias da Escritura nos fornecem o conhecimento salvífico (Romanos 1:16-21).

Quando o homem interage com a criação de Deus, que demonstra sua glória, poder e sabedoria, o homem, como imagem de Deus, é forçado, em certo sentido, a “pensar em Deus”. A criação visível em si não media “conhecimento” ao homem (como na epistemologia de Tomás de Aquino [1225-1274]), pois o universo visível não apresenta nenhuma proposição. Antes, ele estimula a mente do homem à intuição intelectual (ou recordação), que como um ser racional, já está em posse de informação *apriori* e proposicional sobre Deus e sua criação. Esta informação *apriori* é imediatamente <sup>37</sup> impressa na consciência do homem. Uma pessoa completamente destituída do senso de Deus nunca poderia se referir à glória de Deus no céu (como em Salmo 19:1) como algo mais do que os próprios corpos visíveis, ou seus componentes. Contudo, disse o Dr. Clark, com “nosso equipamento *apriori* vemos a glória de Deus nos céus”. <sup>38</sup>

O conhecimento, então, que o homem tem de Deus e da sua criação não é derivado por meios empíricos nem racionais. Nem ele é em algum sentido conhecimento mediado. Antes, de acordo com o Dr. Clark, todo conhecimento é imediato, revelacional e proposicional. É o “professor interno”, Jesus Cristo, o *Logos* divino, e não os sentidos na interação de alguém com a criação, que ensina o homem. Isso é verdade mesmo quando diz respeito às páginas impressas da Bíblia. Todo discurso ou comunicação é uma questão de palavras, e palavras (mesmo aquelas encontradas na Sagrada Escritura) são sinais, os quais significam algo. Quando sinais são usados, o recipiente, para entender, deve já conhecer interiormente isso que é significado. Aparte desse conhecimento interior, ensinou o Dr. Clark, os sinais não teriam sentido. <sup>39</sup>

Gordon Clark afirmou que a Palavra de Deus não é uma tinta preta num papel branco. A Palavra de Deus é eterna; as páginas impressas da Bíblia não o são. As letras ou palavras sobre as páginas impressas são sinais ou símbolos que significam a verdade eterna que é a mente de Deus, e que é comunicada por Deus direta e imediatamente às mentes dos homens. <sup>40</sup> O Dr. Clark, certamente, não rebaixou o aspecto físico da humanidade. Ele reconheceu que Deus criou tanto a mente do homem como o seu corpo, incluindo os sentidos. Mas nem a mente nem os sentidos são fontes de conhecimento. Como Paulo escreveu: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1 Coríntios 2:9). Ou como Jesus disse: “Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mateus 16:17).

<sup>37</sup> Nota do tradutor: Ou seja, “sem intermediários”.

<sup>38</sup> *What Do Presbyterians Believe?* 10; *An Introduction to Christian Philosophy*, 61-62.

<sup>39</sup> *The Johanne Logos*, capítulo 2; *Thales to Dewey*, 228-230. Veja também Agostinho, *On the Teacher*, II.36-38; II.39-40.

<sup>40</sup> *Language and Theology*, 148.

Visto que todo conhecimento é proposicional, e visto que os sentidos ao interagir com a criação não produzem proposições, nenhum conhecimento pode ser originado, transmitido ou derivado a partir da sensação. Antes, como notado acima, os sentidos parecem estimular a mente do homem à intuição intelectual, para tratar com ou relembrar as idéias inatas dadas por Deus que o homem já possui. O Dr. Clark usou a ilustração de um pedaço de papel sobre o qual está escrita uma mensagem em tinta invisível. O papel (por ilustração, a mente) pode parecer branco, mas na realidade não o é. Quando o calor da experiência é aplicado à mente (como quando o calor é aplicado ao papel), a mensagem se torna visível. O conhecimento humano, então, é possível somente porque Deus dotou o homem com certas idéias inatas.<sup>41</sup> Estas idéias é a imagem de Deus.

A epistemologia de Gordon Clark, juntamente com aquela de Agostinho antes dele, tinha suas raízes na doutrina do *Logos*. De acordo com o Evangelho de João, Jesus Cristo é o *Logos* cosmológico (1:1-3), o *Logos* epistemológico (1:9,14), e o *Logos* soteriológico (1:4, 12, 13; 14:6). Ele é o Criador do mundo, a fonte de todo conhecimento humano, e o doador da salvação. Quanto ao *Logos* epistemológico, que é o foco do presente estudo, Cristo é a “verdadeira luz que ilumina a todo homem” (1:9). Aparte da atividade direta do *Logos* sobre a mente como o “professor interno”, o conhecimento não seria possível.<sup>42</sup>

Outra forma de explicar isso é que o Dr. Clark mantinha que a soma total de todas as verdades existem na mente de Deus: “Pois nele [Deus] vivemos, e nos movemos, e existimos” (Atos 17:28). Nada existe fora da mente de Deus. Esse é o significado das palavras “onisciente” e “onipresente”. De acordo com o Dr. Clark, se o homem há de conhecer a verdade, ele deve chegar a conhecer as proposições eternas na mente de Deus. Algumas dessas proposições são implantadas no homem a partir da concepção, por Deus. E quando o homem interage com a criação ou lê as palavras da Escritura, o professor divino, o *Logos*, ilumina a mente de forma que as proposições venham à consciência, como a tinta invisível aparece. Isso é possível porque a mente do homem é envolvida pela mente do *Logos*, que o ilumina para entender as proposições eternas na mente de Deus. Ele não vem pelo esforço ou iniciativa do homem, mas por Deus, que sozinho revela a verdade.<sup>43</sup>

Deus criou os humanos com mentes racionais que usam as mesmas leis de pensamento que as suas; os homens são portadores da imagem de Deus. Os princípios de razão (lógica) e o conhecimento são inatamente dados por Deus à humanidade através do *Logos*. Assim, sempre que os seres humanos conhecem a verdade, eles conhecem o que existe na mente de Deus; eles não têm meramente uma representação da verdade. O Dr. Clark negou a teoria correspondente da verdade, isto é, a noção de que a mente do homem tem somente uma representação da verdade, e não a verdade em si. Antes, ele sustentou um tipo de teoria coerente da verdade, que mantém que o que o homem tem é a verdade real: a mesma verdade que existe na mente do homem existe primeiramente na mente de Deus. O Dr. Clark escreveu: “O Realismo é a

<sup>41</sup> *Religion, Reason and Revelation*, 142-143.

<sup>42</sup> *The Johanne Logos*, 12 ss. Quer alguém crê que “vinda ao mundo” modifica *homem* ou *luz*, o significado é o mesmo.

<sup>43</sup> *The Johanne Logos*, capítulo 2; *God’s Hammer*, 119.

visão de que a mente do homem realmente possui a verdade. O Representacionalismo sustenta que a mente tem somente uma imagem, uma figura, uma representação, uma analogia da verdade, mas não a verdade em si”.<sup>44</sup>

Para o Dr. Clark, uma proposição é verdadeira porque Deus a pensa para ser verdadeira. Portanto, quando um homem conhece a verdade, o que ele conhece é a mesma verdade, a verdade idêntica, que Deus conhece: “Quando pensamos um dos pensamentos de Deus segundo ele, seu conhecimento e nosso conhecimento coincidem nesse ponto”.<sup>45</sup> Na teoria coerente da verdade, a mente e o objeto conhecido são ambos parte de um sistema, um sistema no qual todas as partes estão em perfeito acordo, pois eles são encontradas na mente de Deus.<sup>46</sup> Disse o Dr. Clark: “Se o homem conhece algo, ele deve conhecer uma verdade que Deus conhece, pois Deus conhece todas as verdades”.<sup>47</sup>

O Dr. Clark ainda mantinha que a revelação geral (juntamente com os primeiros ensinamentos da revelação especial que Deus deu primeiramente a Adão) é a razão para a religiosidade básica da humanidade e as muitas religiões que existem atualmente.<sup>48</sup> O problema é que o homem caído, que está agora num estado moral de depravação (Romanos 3:10-18; 8:7,8), suprime a verdade sobre Deus que ele possui inatamente. Todavia, essa informação é parte do fundamento para a sua responsabilidade; ele é inescusável (Romanos 1:18-21). O Dr. Clark escreveu que “o pagão, que nunca ouviu o Evangelho da salvação, é, todavia, responsável pelos seus pecados por causa deste dom original de conhecimento, que é parte da imagem divina com a qual o homem foi criado”.<sup>49</sup> O homem, então, ensinava o Dr. Clark, é culpado diante de Deus devido à revelação geral que ele possui e suprime. Mas embora essa revelação seja mais geral do que a revelação especial, e suficiente para tornar o homem culpável, ela não é suficiente para lhe mostrar o caminho da salvação: Jesus Cristo. Tal informação é dada na Escritura somente (revelação especial). O Dr. Clark declarou: “Até mesmo o conhecimento inato [revelação geral] da moralidade não dá nenhuma informação de como ou até mesmo se o pecado pode ser perdoado. ‘Portanto, agradou ao Senhor... revelar a si mesmo, e declarar sua vontade à sua igreja’”.<sup>50</sup> A revelação geral revela Deus como Criador; a revelação especial o revela como Salvador.

Em concordância com a *Confissão de Westminster* (14:1), o Dr. Clark cria que “a graça da fé [salvífica], pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles, e é

<sup>44</sup> *The Philosophy of Gordon H. Clark* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1968), editado por Ronald H. Nash, 440;

<sup>45</sup> *The Trinity*, 75.

<sup>46</sup> *Religion, Reason and Revelation*, 107; *Language and Theology*, 13ss; *The Philosophy of Gordon H. Clark*, 161-170. Como com Agostinho, isso exclui para o Dr. Clark qualquer teoria de abstração de universais por meios de uma metodologia empírica; como na epistemologia de filósofos tais como Aristóteles (384-322 a.C.) e Tomás de Aquino.

<sup>47</sup> *Evangelical Dictionary of Theology* (Grand Rapids: Baker Book House, 1984), editado por Walter A. Elwell, 613.

<sup>48</sup> *Religion, Reason and Revelation*, 24-25.

<sup>49</sup> *What Do Presbyterians Believe?* 182.

<sup>50</sup> *What Do Presbyterians Believe?* 11.



ordinariamente operada pelo ministério da Palavra”.<sup>51</sup> Esta obra de Deus é mencionada como o testemunho interior do Espírito Santo. Ela é uma obra “imediate” do Espírito, por e com a Palavra proclamada, na qual ele produz fé na mente do pecador eleito. O Espírito não opera (ordinariamente) no pecador eleito aparte da Palavra. Os pecadores perdidos precisam ouvir de Cristo. Portanto, é a responsabilidade da igreja ensinar todo o conselho de Deus, evangelizar, e fazer a tarefa de apologética. Esses são deveres cristãos. Mas o Espírito de Deus sozinho produz a fé. Como Paulo escreveu em 1 Coríntios 3:6: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus”. O pecador, sem qualquer obra especial do Espírito de Deus, pode entender a mensagem pregada. Há uma diferença entre entender a verdade e crer na verdade. Alguns não-cristãos entendem a Bíblia melhor do que alguns cristãos. Disse o Dr. Clark: “Concordemos e insistamos que meramente aprender e entender as doutrinas não nos torna um cristão. Qualquer infiel pode aprender e entendê-las muito bem. Em adição ao entendimento das doutrinas, uma pessoa deve crer nelas; mas observe que são as doutrinas que devem ser cridas”.<sup>52</sup> O Dr. Clark citou Paulo como um exemplo. Mesmo quando ele perseguiu a igreja de Cristo, ele entendia bem a declaração credal “Jesus é o Senhor”. Mas não foi até quando a fé foi produzida em sua mente na estrada para Damasco que Paulo assentiu à verdade proposicional do Evangelho e foi salvo. Não é necessário para nós assumir que alguma nova revelação foi dada a Paulo na estrada de Damasco, nem que seu entendimento foi ampliado naquele momento. Antes, Cristo “fez com que ele recebesse, aceitasse e cresse no que ele já entendia muito bem. É assim que o Espírito testemunha à mensagem previamente comunicada”.<sup>53</sup> A diferença entre fé e fé salvífica, então, é que a última é um assentimento, crença ou confiança em uma ou mais proposições bíblicas com respeito a Jesus Cristo e sua obra salvífica.<sup>54</sup>

## Epistemologia e Soteriologia

Gordon Clark ensinou que a soteriologia (a doutrina da salvação) é um ramo da epistemologia. Ela não é um ramo da metafísica, pois o pecado não é um problema metafísico e os homens não são deificados quando são salvos. Nem é um ramo da ética, pois os homens não são salvos por suas próprias obras ou conduta. Antes, a salvação é pela graça através da fé somente, a saber, crença na verdade como revelada por Deus o Espírito em sua Palavra (Romanos 1:16-17). E essa salvação é o dom de Deus (Efésios 2:8-10). A *Confissão de Fé de Westminster* (14:1) diz dessa forma: “A graça da fé, pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles, e é ordinariamente operada pelo ministério da palavra; por esse ministério, bem como pela administração dos sacramentos e pela oração, ela é aumentada e fortalecida”. Com a Assembléia de Westminster e Gordon Clark, a salvação em sua inteireza tem a ver com epistemologia. Não somente uma pessoa é justificada por meio de crer na verdade, mas ela é

<sup>51</sup> *What Do Presbyterians Believe?* 143.

<sup>52</sup> *Ephesians*, 151.

<sup>53</sup> *God's Hammer*, 22.

<sup>54</sup> Para mais sobre isso veja *Faith and Saving Faith*.

também santificada conhecendo e crendo na verdade. Em João 17:17 lemos as palavras de Cristo: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”.<sup>55</sup>

## Revelação e Apologética

Gordon Clark rejeitou a teologia natural de Tomás de Aquino e seus seguidores modernos, a teologia natural dos teólogos liberais e humanistas, e a teologia natural de deístas e pagãos. O Dr. Clark não era um evidencialista. Ao invés de começar com a natureza, argumentando pela existência de Deus, e então pela confiabilidade da Escritura, ele começava com a Escritura.

A crítica do Dr. Clark à teologia natural começa com o fato de que ela é baseada numa metodologia empirista. “Novamente”, ele declarou, “a visão hebraica-cristã de que ‘os céus declaram a glória de Deus’ não significa, na minha opinião, que a existência de Deus pode ser formalmente deduzida a partir de uma examinação empírica do universo”.<sup>56</sup> Como temos visto, o Dr. Clark sustentava que nenhum conhecimento pode ser derivado a partir da experiência sensorial. O empirismo não nos fornece mais conhecimento sobre o Criador do mundo além do que ele pode sobre o próprio mundo.<sup>57</sup>

Sobre este assunto, o Dr. Clark escreveu:

Uma pessoa poderia considerar o que o apóstolo Paulo pensaria sobre o argumento cosmológico para a existência de Deus... Tomás de Aquino sustentava que Paulo declarou antecipadamente como válida a reformulação de Aristóteles por Tomás. A partir do presente parágrafo [1 Coríntios 1:18-25] alguém poderia supor que Paulo considerava isso como absurdo.

Na extensão em que as palavras de Paulo podem ser aplicadas a Aristóteles, [1 Coríntios] 3:20 seria uma repudição ainda mais clara da especulação filosófica sobre Deus... Os apologistas cristãos, portanto, agiriam bem repudiando a futilidade escolástica da assim chamada “teologia natural”. Eles deveriam desistir das tentativas de provar a existência de Deus e descrever sua natureza sobre a base de observações empiristas.<sup>58</sup>

Todas as “provas” tradicionais para a existência de Deus são inválidas; elas são falácias lógicas. Como David Hume apontou, não é logicamente necessário que o criador de um mundo finito seja infinito. Tudo o que é necessário, de acordo com Hume, é que o criador seja pelo menos tão grande quanto o que ele criou. Não somente isto, mas a observação nunca pode provar a causalidade; ela pode nos dar seqüência, mas nunca causalidade.

Nem é o argumento ontológico (racionalista) de Anselmo (1033-1109) e Descartes válido. Este argumento, declarou o Dr. Clark, afirma basicamente que

<sup>55</sup> John W. Robbins, “An Introduction to Gordon H. Clark”, *The Trinity Review*, Julho e Agosto de 1993.

<sup>56</sup> *God’s Hammer*, 66.

<sup>57</sup> Para a refutação do Dr. Clark da teologia natural, veja *God’s Hammer*, capítulo 6; *Thales to Dewey*, 269ss; e *Ambitious to Be Well Pleasing*; capítulo 5.

<sup>58</sup> *First Corinthians*, 52.

“Deus, por definição, é o ser que possui todas perfeições; a existência é uma perfeição; portanto, Deus existe”.<sup>59</sup> Há vários problemas com o argumento ontológico. Primeiro, afirmemos que o silogismo como declarado por Descartes é formalmente válido. O problema não é a forma do argumento, mas os termos.

Existência, por exemplo, é um atributo que se aplica a todas as coisas, sem exceção. Sonhos existem; alucinações existem ou não; a questão é: O que é isso que existe?<sup>60</sup> Esse é o porquê a Assembléia de Westminster fez a pergunta na forma como ela é encontrada no *Catecismo Menor* (Q 4): “O que é Deus?” ao invés de “Existe um deus?”. Se o argumento ontológico é entendido meramente como uma explicação do que a palavra “Deus” significa na Bíblia, então ele pode ser útil. Mas ele não é um argumento a partir de algum dado extra-bíblico para Deus. A definição de Deus encontrada no argumento ontológico inclui elementos roubados da Escritura, incluindo o monoteísmo. Anselmo, embora sua intenção fosse construir um argumento que descansasse na razão somente, sem qualquer apelo à revelação, assumiu idéias que ele obteve somente a partir da revelação.

Além do mais, se as várias provas, tais como os Cinco Caminhos de Tomás, pudessem provar a existência de um deus ou deuses, eles provariam a falsidade da Bíblia. Como alguém poderia saber se as cinco provas provam o mesmo deus? Por que ela não poderia provar dois, três, quatro ou cinco deuses? De fato, se as provas teístas fossem válidas, elas demoliriam o Cristianismo; elas provariam, se alguma coisa, a existência de uma deidade pagã, não o Deus cristão. Afortunadamente, as provas não são válidas.<sup>61</sup>

Uma pessoa não pode provar o Deus da Escritura por meio da teologia natural. Nem pode alguém provar a Escritura ser a Palavra de Deus. A Palavra de Deus é o ponto de partida axiomático. Ela é indemonstrável; é auto-autenticadora; e é auto-evidente, isto é, ela contém sua evidência dentro de si mesma. Por conseguinte, quando o Dr. Clark concordou que os céus declaram a glória de Deus, ele assim o fez, não entendendo isto como um argumento formal ou informal, mas antes como uma conclusão do que ele já conhecia pela fé. O ditado de Agostinho, “eu creio para entender”, também era o do Dr. Clark.<sup>62</sup>

O Dr. Clark mantinha que há várias evidências que manifestam a Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Mas as evidências não “provam” que as Escrituras são verdadeiras. Ele escreveu:

Pode haver, digamos, milhares de afirmações históricas na Bíblia. Afortunadamente, muitas dessas que os modernistas diziam ser falsas, são agora conhecidas ser verdadeiras. Por exemplos, os modernistas afirmavam que a nação hetéia nunca existiu. Hoje os museus têm mais livros heteus do que eles têm tempo para traduzir. Os modernistas diziam que Moisés não poderia ter escrito o Pentateuco, pois a escrita ainda não tinha sido inventada nos seus dias. Bem, a escrita já existia milhares de anos antes do tempo de Moisés. Ainda, o fato de que a Bíblia é correta sobre estes pontos não “prova” que ela não tenha

<sup>59</sup> *A Christian Philosophy of Education*, 31.

<sup>60</sup> *Three Types of Religious Philosophy*, 33-44.

<sup>61</sup> *God's Hammer*, 87-89.

<sup>62</sup> *God's Hammer*, 64-67, 86-93.

erro. Obviamente há muitas afirmações históricas na Bíblia que não podemos verificar e que nunca seremos capazes de fazê-lo. Quem poderia esperar corroborar [por meio de pesquisa arqueológica e histórica] as afirmações de que Eliézer pediu água para Rebeca, e que Rebeca deu água para os camelos dele também? <sup>63</sup>

Então, também, o Dr. Clark endossou inteiramente a declaração da *Confissão de Westminster* (1:4,5) de que:

A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus.

Pelo testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço da Escritura Sagrada; a suprema excelência do seu conteúdo, e eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o escopo do seu todo (que é dar a Deus toda a glória), a plena revelação que faz do único meio de salvar-se o homem, as suas muitas outras excelências incomparáveis e completa perfeição, são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a palavra de Deus; contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provém da operação interna do Espírito Santo, que pela palavra e com a palavra testifica em nossos corações. <sup>64</sup>

O Dr. Clark, então, poderia dizer com Calvino e Agostinho antes dele que há inúmeras evidências, tanto internas <sup>65</sup> como externas, de que a Bíblia é a revelação infalível de Deus para o homem. Mas aparte do testemunho interno do Espírito Santo, essas evidências são inconclusivas. A própria Bíblia nos diz o porquê cremos que ela é a Palavra de Deus: Deus o Espírito produz essa crença nas mentes dos eleitos; ele não faz isso para os não-eleitos. Não há nenhuma autoridade maior do que a Palavra de Deus. <sup>66</sup>

A metodologia apologética de Gordon Clark, então, pressupõe a primazia da Escritura como providenciando a base para toda prova. A Bíblia tem um monopólio sistemático sobre a verdade. Ela é auto-atestadora e auto-autenticadora. Ela julga todos os livros e idéias, e não é julgada por nenhuma pessoa ou coisa.

O que dizer sobre as “evidências” teológicas? Elas são úteis? De fato elas são. Como observado, elas podem ser usadas numa forma *ad hominem* para revelar a loucura dos sistemas não-cristãos. Permanecendo ao lado da revelação infalível de Deus, o apologista cristão pode e deve usar as evidências de maneira provocativa, “para responder ao tolo segundo a sua estultícia” (Provérbios 26:5). Tal argumentação deve ser usada para criticar internamente a cosmovisão do incrédulo, revelando suas inconsistências. O Dr. Clark escreveu:

<sup>63</sup> *What Do Presbyterians Believe?* 17.

<sup>64</sup> *What Do Presbyterians Believe?* 13-14.

<sup>65</sup> Tecnicamente falando, “evidências internas” não são evidências no sentido empírico; elas são uma parte da revelação especial. Somente evidências externas (extra-bíblicas) são realmente “evidências” no sentido empírico. Veja *Clark Speaks from the Grave*, 32.

<sup>66</sup> *First and Second Thessalonians*, 98-100; *God’s Hammer*, 16-20.

Usemos tanta evidência arqueológica quanto possamos encontrar. Entremos em grande detalhe sobre *J, E, D, e P*. Discutiremos a presença de camelos no Egito em 2.000 a.C., e o concílio hipotético de Jâmnia. Mas nossos argumentos serão inteiramente *ad hominem*. Mostraremos que os princípios que nossos oponentes usam destroem suas próprias conclusões.

O argumento é *ad hominem* e elênctico.<sup>67</sup> Quando finalmente o oponente é reduzido ao silêncio e podemos conseguir numa palavra nos adiantar, apresentamos a Palavra de Deus e oramos para que Deus lhe faça crer.<sup>68</sup>

Essa metodologia provocativa, consistindo numa série de *reductiones ad absurdum*, é o principal método disponível ao apologista bíblico. A razão é que embora haja terreno metafísico em comum entre crentes e não-incrédulos em que ambos são criados à imagem de Deus, não há nenhum terreno epistemológico em comum. Isto é, não há proposições teóricas em comum, nenhuma “noções” em comum, entre o Cristianismo e as filosofias não-cristãs. Os argumentos provocativos *ad hominem* devem ser usados contra o incrédulo, que é quebrador da lei e já possui a idéia inata do Deus contra quem ele está se rebelando. Os argumentos devem ser usados numa forma que tentarão fazê-lo epistemologicamente auto-consciente (e assim consciente de Deus) da sua rebelião ao quebrar a lei de Deus.<sup>69</sup>

Após demonstrar a incoerência interna das visões não-cristãos, o apologista bíblico apresentará a verdade e a consistência interna e lógica das Escrituras e a cosmovisão cristã revelada por ela. Ele mostrará como o Cristianismo é auto-consistente, como ele nos dá um entendimento coerente do mundo. Ele responde perguntas e resolve problemas que outras cosmovisões não podem. Esse método não pode ser considerado como uma prova para a existência de Deus ou a verdade da Escritura, mas é uma prova de que a visão não-cristã é falsa. Ele é uma apresentação das proposições da Escritura com a oração para que o Espírito Santo faça o ouvinte crer nelas. Ele mostra que a inteligibilidade pode ser mantida somente vendo todas as coisas como dependentes do Deus da Escritura, que é a própria verdade.<sup>70</sup>

Nessa linha, Gilbert Weaver escreveu:

Um exemplo estendido deste tipo de apologética é encontrado no volume de Clark, *A Christian View of Men and Things*. Nele ele levanta os assuntos de história, política, ética, ciência, religião e epistemologia, e em cada um mostra que os principais sistemas não-cristãos opositores falham em estabelecer respostas para os problemas básicos da área de estudo, que eles tendem ao ceticismo ou auto-contradição, e que a cosmovisão cristã baseada na revelação divina fornece soluções plausíveis em cada caso. O resultado é que os rivais do Cristianismo são despedaçados em cada área de pensamento, e assim, não estão em nenhuma posição sólida a partir da qual lançar um ataque contra a fé cristã.

<sup>71</sup>

<sup>67</sup> Nota do tradutor: De *élenchos* = repreensão.

<sup>68</sup> *The Philosophy of Gordon H. Clark*, 451-452.

<sup>69</sup> *Three Types of Religious Philosophy*, 139-142.

<sup>70</sup> *A Christian View of Men and Things*, segunda edição, 90; *God's Hammer*, 15-16.

<sup>71</sup> *The Philosophy of Gordon H. Clark*, 290.



O Dr. Clark algumas vezes usou o argumento agostiniano a partir da natureza da verdade para revelar a consistência interna do Cristianismo. <sup>72</sup> A verdade, ele argumentou, deve existir. Isto é, o ceticismo é falso. Até mesmo negar a existência da verdade (isto é, dizer que é “verdade” que não existe verdade) é afirmar que a verdade existe e deve existir. O ceticismo é auto-refutador. Além do mais, não é possível que a verdade mude. Que ela muda, por definição, não pode ser verdade. Negar a eternidade da verdade (isto é, dizer que é “verdade” que a verdade não é eterna ou que ela algum dia perecerá) é afirmar, por negação, a sua natureza eterna. E visto que a verdade pode existir somente na forma de proposições, ela deve ser mental (isto é, sendo proposicional, ela pode existir somente na mente). Mas visto que a mente do homem não é eterna e imutável (como sabemos a partir da Escritura), deve haver uma mente superior à mente do homem que é eterna e imutável, e essa mente, argumentou Agostinho, é Deus. Deus, como a Escritura testifica, é a própria verdade. E se um homem conhece alguma verdade, ele também conhece algo de Deus. <sup>73</sup>

De acordo com o Dr. Clark, então, a defesa da fé cristã envolve dois passos básicos: “Primeiro o apologista deve mostrar que os axiomas do secularismo resultam em auto-contradição... Então, em segundo lugar, o apologista deve exibir a consistência interna do sistema cristão. Quando esses dois pontos estiverem claros, o cristão urgirá para que o incrédulo repudie os axiomas do secularismo e aceite a revelação de Deus”. <sup>74</sup>

## Conhecimento e Opinião

Uma parte importante da epistemologia de Gordon Clark é sua distinção entre conhecimento e opinião. Há uma diferença entre o que conhecemos e o que opinamos. Conhecimento não é apenas possuir idéias ou pensamentos; é possuir idéias ou pensamentos verdadeiros. Conhecimento é conhecimento da verdade; é uma crença verdadeira justificada. Somente a Palavra de Deus (a qual está “expressamente declarada na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela” <sup>75</sup>) nos dá tal conhecimento.

Opiniões, por outro lado, podem ser falsas ou verdadeiras. A ciência natural é opinião; arqueologia é opinião; história (com a exceção da história bíblica) é opinião. Nessas disciplinas estamos tratando com fatos (o Dr. Clark definiu um “fato” científico como “um meio aritmético com um erro variável de zero” <sup>76</sup>); não há nenhuma crença verdadeira justificada. Opinar sobre algo não é conhecê-lo, mesmo que a opinião seja verdadeira. Um aluno de colégio pode adivinhar a resposta correta para a pergunta de aritmética, mas a menos que ele

<sup>72</sup> *A Christian View of Men and Things*, 318ss; veja Ronald H. Nash, editor, *The Philosophy of Gordon H. Clark*, 157-161.

<sup>73</sup> Agostinho pode ter pensado que ele estava argumentando a partir de algo extra-bíblico para Deus, mas Clark repudiou todas essas iniciativas.

<sup>74</sup> *Karl Barth's Theological Method*, 96.

<sup>75</sup> Veja a *Confissão de Fé de Westminster* (1:6).

<sup>76</sup> *The Philosophy of Gordon H. Clark*, 470.

possa mostrar como conseguiu a resposta, não se pode dizer que ele a sabia. A verdade justificada é encontrada somente na Palavra de Deus.<sup>77</sup>

Esse é o porquê a metodologia apologética de Gordon Clark tem sido mencionada como “pressupocionalismo dedutivo”.<sup>78</sup> O Dr. Clark começava com a pressuposição de que a Bíblia é Palavra de Deus; isso é axiomático. Ele então tentava mostrar que tudo o que alguém poderia conhecer deveria vir da Escritura. Como então, de acordo com o Dr. Clark, o homem chega ao conhecimento de Deus e da sua criação? Somente por meio da auto-revelação de Deus.

O conhecimento é possível somente porque Deus escolhe se revelar ao homem. Tal conhecimento não é recebido ou descoberto por sensação ou raciocínio. Todo conhecimento é revelacional e proposicional por natureza, e sua fonte é Deus. O Dr. Clark declarou: “Se um homem conhece algo, ele deve conhecer a verdade que Deus conhece, pois Deus conhece toda verdade”.<sup>79</sup>

### Limitações Epistemológicas e a Linguagem da Escritura

O Dr. Clark cria que o homem pode conhecer a verdade. Ele estava pronto para apontar, contudo, que isso não é inferir que o homem pode ter conhecimento exaustivo (Jó 11:7; 36:26. Salmo 139:6). Somente Deus tem tal conhecimento (Romanos 2:33-34; 1 Coríntios 2:11). Somente Deus é onisciente. Todo o seu conhecimento é intuitivo, enquanto o do homem é discursivo. Há limitações no conhecimento do homem; não somente devido ao pecado, mas também devido ao fato de que ele é uma criatura. Até mesmo Adão, antes da queda, nunca poderia ter obtido conhecimento exaustivo. Essa limitação não será removida nem mesmo no estado final sem pecado.<sup>80</sup>

Todavia, ensinava o Dr. Clark, seja qual for o conhecimento que o homem tenha, porque ele deve ser uma verdade, uma proposição que Deus conhece, ele deve necessariamente ser o mesmo conhecimento que o conhecimento de Deus. O Dr. Clark rejeitou a visão Tomista e Van Tiliana da predicação análoga. De acordo com Tomás de Aquino e Cornelius Van Til (1895-1987), todo o conhecimento do homem de Deus e de sua criação é análogo. Não há nem um simples ponto de coincidência entre o conhecimento de Deus e o conhecimento do homem.<sup>81</sup>

<sup>77</sup> *An Introduction to Christian Philosophy*, 57-92; veja também John W. Robbins, “An Introduction to Gordon H. Clark”, *The Trinity Review*, Julho e Agosto 1993.

<sup>78</sup> Veja Ronald H. Nash, *Faith and Reason* (Grand Rapids: Zondervan Publishing Company, 1988), 60.

<sup>79</sup> *Evangelical Dictionary of Theology*, 613

<sup>80</sup> *God's Hammer*, 29-30.

<sup>81</sup> Tomás de Aquino, *Summa Contra Gentiles*, XXXII-XXXIV. Cornelius Van Til sustentou uma visão similar àquela de Aquino. Em sua “Introdução” ao livro *The Inspiration and Authority of the Bible*, de B.B. Warfield, por exemplo, Van Til escreveu que é por causa da natureza análoga da revelação da Escritura que o conhecimento do homem “não é em nenhum ponto idêntico ao conteúdo da mente de

Gordon Clark não negou que haja uma diferença quantitativa entre o que Deus conhece e o que o homem conhece. Há uma vasta diferença no grau de conhecimento (Salmo 139:6). Nem ele negou que Deus conhece e o homem conhece de duas formas diferentes. Mas não há nenhuma diferença no conhecimento em si. Há um ponto de contato entre o que Deus conhece e o que o homem conhece; há um ponto absoluto no qual o conhecimento de Deus é idêntico ao conhecimento do homem. O Dr. Clark escreveu que “se nossas mentes e a mente de Deus não têm algum conteúdo absoluto, então não saberíamos definitivamente nada. Se ele tem toda verdade, não podemos conhecer alguma verdade exceto a verdade que Deus conhece”.<sup>82</sup> A diferença entre o conhecimento de Deus e o conhecimento do homem, então, é uma de grau. Deus conhece mais e sempre conhecerá mais do que qualquer criatura. Mas se tudo o que temos é uma analogia da verdade, então não temos nenhuma verdade. Uma mera analogia da verdade, sem um ponto absoluto de entendimento, não é a verdade.<sup>83</sup> Isso é, de fato, ceticismo.

A revelação especial nos dada na Escritura é proposicional na natureza. O Deus Triúno da Escritura tem se revelado ao homem na forma de declarações proposicionais. Ele entra em pacto pessoal com suas criaturas,<sup>84</sup> e ele lhes fala em verdades proposicionais e universais: “A Bíblia é composta de palavras e sentenças. Suas afirmações declarativas são proposições no sentido lógico do termo”.<sup>85</sup> Proposições são combinações lógicas e compreensíveis de palavras – sujeito, conjunção, predicado – que objetivamente ensinam algo. Elas são o significado de sentenças indicativas. Proposições são verdadeiras ou falsas. O que torna uma proposição verdadeira é que Deus pensa a mesma, para ser verdadeira. Além do mais, não há tão coisa como uma verdade não-proposicional. A verdade é uma característica, um atributo de proposições somente.

De acordo com o Dr. Clark, a verdade da Escritura não está “entre” ou “acima” ou “de trás” das palavras, ou somente na mente do intérprete. Nem são as palavras secretamente simbólicas ou metafóricas, intimando alguma verdade “mais alta”. Antes, a verdade de Deus reside no significado lógico, na organização sintática e gramatical das palavras da própria Escritura.<sup>86</sup> Sua verdade vem através do nosso entendimento dessas proposições de acordo com as regras da gramática e lógica. Assim, a Bíblia não contém paradoxos lógicos. Obviamente, as declarações bíblicas não podem ensinar duas ou mais “verdades” contrárias ou contraditórias ao mesmo tempo (como na neo-

---

Deus” (33). Para mais sobre isso veja John W. Robbins, *Cornelius Van Til: The Man and the Myth* (The Trinity Foundation, 1986).

<sup>82</sup> *The Pastoral Epistles*, primeira edição, 119.

<sup>83</sup> *God's Hammer*, 30-34, 38, 71.

<sup>84</sup> *What Do Presbyterians Believe?* 82ss.

<sup>85</sup> *God's Hammer*, 34.

<sup>86</sup> É, certamente, verdade que todas as declarações da Escritura não estão na forma de proposições. Algumas, por exemplo, são mandamentos, e outras são atribuições de louvor a Deus. Mas mesmo essas podem ser feitas proposicionais colocando-as numa sentença mais ampla, por exemplo: “Deus ordena assim e assim”, e “Deus é digno de adoração”.

ortodoxia e neo-liberalismo). Elas ensinam uma verdade consistente, e essa verdade pode ter varias aplicações ou implicações lógicas. <sup>87</sup>

Isto, declarou o Dr. Clark, também se relaciona com os eventos da história e os seus significados. Isto é, não somente a Bíblia nos ensina que certos eventos ocorreram na história, mas ela também nos diz o significado daqueles eventos. A interpretação do evento não é deixada à subjetividade da própria imaginação da pessoa. A Escritura nos dá o evento e o seu significado em proposições. <sup>88</sup>

Nessa linha, o Dr. Clark escreveu:

A Bíblia não é meramente nem principalmente uma narrativa, o que, certamente, deve ser formalmente diferente dos eventos narrados. Eventos históricos são essenciais para a Bíblia, mas somente quando interpretados e explicados. A mera existência de um homem Jesus não significa nada. A religião racional requer atenção para o que ele disse e deve encontrar uma explicação do que ele fez. Se ele permaneceu calado e ninguém explicou suas ações, observá-lo não seria de nenhum valor. E se a explicação é incoerente e suas palavras são falsas, o valor pode ser apenas negativo. <sup>89</sup>

**Fonte:** *The Scripturalism of Gordon H. Clark*, W. Gary Crampton, Trinity Foundation, páginas 15-50.

---

<sup>87</sup> *God's Hammer*, 68-69.

<sup>88</sup> *In Defense of Theology*, 57-64, 71ss.; *God's Hammer*, 34-38; *A Christian View of Man and Things*, 318ss.

<sup>89</sup> *Karl Barth's Theological Method*, 196-197.